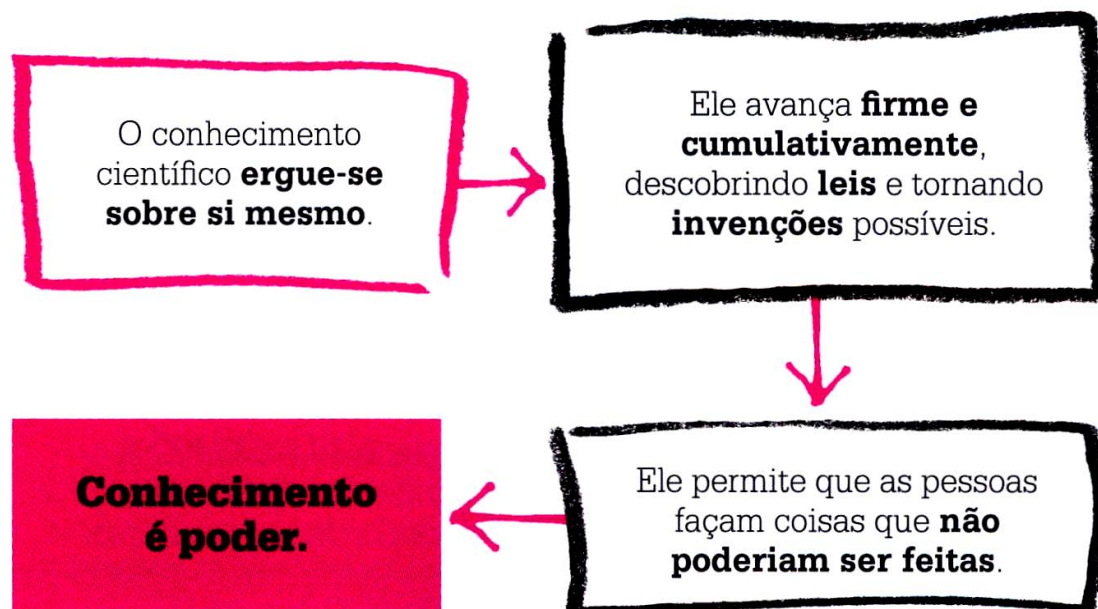


Empirismo Moderno

Francis Bacon (1561-1626)



Bacon com frequência é reconhecido como o primeiro de uma tradição de pensamento conhecida como empirismo britânico, caracterizado pela visão de que todo conhecimento deve vir essencialmente da experiência sensorial. Ele nasceu numa época em que houve um deslocamento da ênfase da Renascença nas redescobertas do mundo antigo rumo a uma abordagem mais científica do conhecimento. Já haviam surgido alguns trabalhos inovadores de cientistas renascentistas, como o astrônomo Nicolau Copérnico.

Contra os Ídolos

Inspirado nas grandes invenções técnicas, como a pólvora, a imprensa e a bússola, Bacon entendia que a ciência poderia e deveria transformar as condições de vida do homem, concepção bastante ousada em sua época. Por isso estabeleceu para si a missão de rever a história e tentar entender por que a filosofia gerara tão poucos frutos para melhorar as condições de vida humanas.

É desse modo, a partir da história e da observação dos fatos, que Bacon formula a *teoria dos ídolos*. Ele usa a palavra *ídolos* para designar as ilusões ou as falsas noções que impedem o homem de alcançar o verdadeiro conhecimento. Para o filósofo, o intelecto deve ser liberado e expurgado de todos eles - os ídolos -, de modo que o acesso ao reino do homem, que repousa sobre as ciências, possa se parecer com o acesso ao reino dos céus, ao qual não se permite entrar senão sob a figura de criança.

• **Ídolos da tribo** - as noções falsas que surgem da própria natureza humana. Surgem quando o homem tenta buscar entre a natureza das coisas e a sua própria natureza paralelos que não existem. O homem cria uma teoria e examina o Universo à luz dessa teoria, fazendo com que toda a natureza a ela se ajuste, e não o contrário.

• **Ídolos da caverna** - as noções falsas que decorrem das características de cada pessoa, de sua constituição física e mental, das influências do meio e assim por diante. São as ilusões individuais de quem prefere crer naquilo que faz parte de seu mundo e naquilo que eles mesmos aprenderam a observar no mundo e aceitar idéias alheias em busca das verdades reais.

• **Ídolos do foro** - falsas noções que surgem das relações entre os homens, do discurso, da interação, da comunicação. Vêm das palavras, que forçam o homem a crer em fantasias. Há duas espécies de ídolos do foro: o nome de coisas que não existem e os nomes confusos, indeterminados, abstratos, criados pelos homens no discurso para ludibriar.

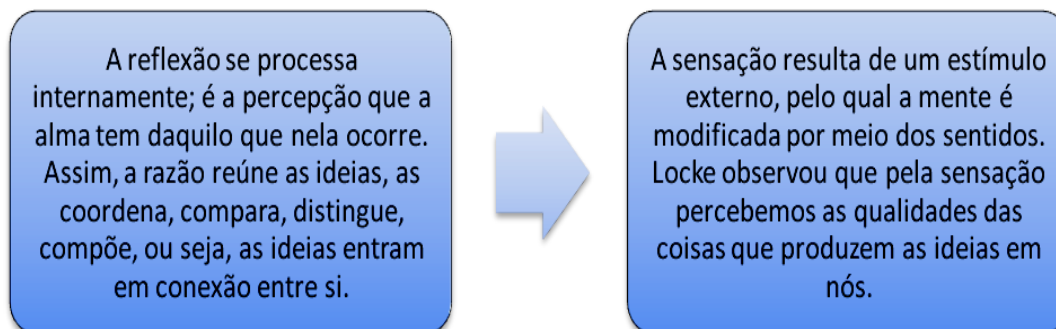
• **Ídolos do teatro** - falsas idéias derivadas de doutrinas filosóficas e científicas, inclusive as antigas, que se afirmam em nome da fé e da tradição. Recebem esse nome, pois, segundo Bacon, essas doutrinas criariam mundos de ficção, teatrais.

John Locke (1632-1704)

Locke criticou a doutrina das ideias inatas de Descartes afirmando que a alma é como uma *tabula rasa* - tábua sem inscrições -, como um papel em branco ou um pedaço de cera em que não há qualquer impressão. Quis dizer com isso que o conhecimento começa apenas a partir da experiência sensível. Se houvesse ideias inatas, as crianças já nasceriam com elas, além de que a ideia de Deus não se encontra em toda parte, pois há povos sem essa representação ou, pelo menos, sem a representação de Deus como ser perfeito.



Ao investigar a origem das ideias, ao contrário dos filósofos racionalistas, que privilegiavam as verdades de razão - típicas da lógica e da matemática -, Locke preferiu o caminho psicológico ao indagar como se processa o conhecimento. Distinguiu, então, duas fontes possíveis para nossas ideias: a *sensação* e a *reflexão*.



É a partir dos dados da experiência que, por abstração, o entendimento, ou intelecto, produz idéias. A razão humana é vista como uma folha em branco sobre a qual os objetos vão deixar sua impressão sensível. Para Locke, todas as nossas idéias provêm de duas fontes:

- a) **A sensação:** a sensação apreende impressões vindas do mundo externo.
- b) **A reflexão:** A reflexão é o ato pelo qual o espírito conhece suas próprias operações.

Nos quatro livros do “Ensaio sobre o Entendimento Humano” Locke considera as fontes e a natureza do conhecimento humano.

➡ **Livro I:** argumenta que não temos conhecimento inato. (Nisso, ele se assemelha Berkeley e Hume, e difere de Descartes e Leibniz.) Então, no momento do nascimento, a mente humana é uma espécie de folha em branco na qual a experiência escreve.

➡ **Livro II:** Locke afirma que as ideias são os materiais de conhecimento e todas as ideias vêm da experiência. O termo "ideia", Locke nos diz: "... significa tudo o que é o objeto do entendimento, quando um homem pensa" (Ensaio I, 1, 8, p. 47). A experiência é de dois tipos, sensação e reflexão. Uma delas - sensação - fala-nos de coisas e processos do mundo externo. O outro - reflexão - nos fala sobre as operações de nossas próprias mentes.

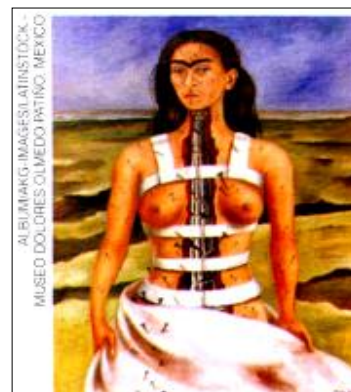
➡ **Livro III:** trata da natureza da linguagem, suas conexões com ideias e seu papel no conhecimento.

➡ **Livro IV:** o ponto culminante das reflexões anteriores, explica a natureza e os limites do conhecimento, probabilidade e da relação entre razão e fé.

David Hume (1711-1776)

Hume afirma que o conhecimento tem início com as percepções individuais, que podem ser *impressões* ou *ideias*. As **impressões** são as percepções originárias que se apresentam à consciência com maior vivacidade, como as sensações (ouvir, ver, sentir dor ou prazer etc.). As **ideias** são cópias pálidas das impressões e, portanto, mais fracas. Ou seja, o *sentir* (impressão) distingue-se do *pensar* (ideia) pelo grau de intensidade e pela anterioridade da impressão em relação à ideia. Desse modo, Hume confirma seu empirismo e rejeita as ideias inatas.

Empirista convicto e conhecedor da evolução científica de sua época, Hume insistiu sobre a impossibilidade de o conhecimento ir além da experiência. A crítica à religião e a postura cética lhe valeram a acusação de ateísmo. A novidade do seu pensamento influenciou decisivamente os filósofos posteriores, seja para rejeitá-lo, seja para levar em conta sua crítica à metafísica.



A coluna quebrada (1944), pintura de Frida Kahlo (1907-1954). A exposição do sofrimento físico da artista mexicana em seus quadros pode ser tomado como um exemplo de ato moral que se materializa na sensação de agrado ou de dor que dele resultam.



O próprio Hume admitiu seu ceticismo ao reconhecer os limites muito estreitos do entendimento humano. Mais que isso, ponderou que estamos subjugados pelos sentidos e pelos hábitos, o que reduz as nossas certezas a simples probabilidades. Ele recusou a metafísica e, portanto, os princípios *a priori* a que certos filósofos recorreram para justificar nosso conhecimento. Hume, porém, dizia-se adepto de um ceticismo mitigado, mais brando, e não de um ceticismo extremado como o do grego Pirro.

Hume desenvolveu uma moral *do sentimento*, segundo a qual são as paixões que determinam a vontade, e não a razão. Isso significa que os atos morais dizem respeito aos sentimentos de aprovação ou desaprovação de nossos atos e às sensações de agrado e prazer ou de dor e remorso que deles resultam. Ou seja, à razão cabe discutir o que é verdadeiro ou falso, enquanto os atos morais requerem juízos de valor, que nos ajudam a identificar nossas ações como boas ou más, como virtude ou vício.

Hume é o último do grande expoente dos "empiristas britânicos" - também foi conhecido em seu tempo como um historiador e ensaísta. Um estilista mestre, em qualquer gênero, as principais obras filosóficas de Hume - Um Tratado da Natureza Humana (1739-1740), Os inquéritos sobre o entendimento humano (1748) e Sobre os Princípios da Moral (1751). Embora muitos dos contemporâneos de Hume denunciem seus escritos como obras de ceticismo e ateísmo, sua influência é evidente na filosofia moral e os escritos econômicos de seu amigo Adam Smith. Hume também despertou Immanuel Kant de seu "sono dogmático". Charles Darwin usa Hume como uma influência central. As diversas direções nas quais esses escritores tiveram que eles recolhidos a partir de leitura de Hume refletem não só a riqueza de suas fontes, mas também a vasta gama de seu empirismo. Hoje, os filósofos reconhecem Hume como um precursor da ciência cognitiva contemporânea, bem como um dos expoentes mais profundos do naturalismo filosófico.

Para Hume, todos os materiais do pensamento - percepções - emanem sensação ("o sentimento para fora") ou da reflexão ("sentimento interior"). Suas ideias trazem consigo conceitos fundamentais como:

- a) **Passagem de uma ideia particular para outra.**
- b) **Hábito / Crença.**
- c) **Razão é o filtro do conhecimento.**

FICA LIGADO...

Por exemplo, tendo observado a água ferver a 100 °C, podemos dizer que toda água sempre ferve a 100 °C. Ou, vendo o Sol nascer todos os dias, assumimos que amanhã ele também nascerá. O que observamos, no entanto, é uma seqüência de eventos, semnexo causal. O que nos faz ultrapassar o dado e afirmar mais do que pode ser alcançado pela experiência é o hábito criado pela observação de casos semelhantes. Por associação com experiências passadas, imaginamos que este caso se comporte da mesma forma que os outros.

Por isso, a única base para as idéias ditas, gerais é a crença, que, do ponto de vista do entendimento, faz uma extensão ilegítima do conceito.

TREINANDO PARA O ENEM

1. (G1-cps) O filósofo René Descartes valorizava, no ser humano, a capacidade de raciocínio, colocando o indivíduo em posição central no conjunto da natureza. Em seu *Discurso sobre o Método*, de 1637, o filósofo afirmou que os seres humanos seriam “senhores e possuidores” da natureza.

Este ponto de vista, predominante no século XVII, se opõe ao ponto de vista ecoprático atual, porque

- a) no século XVII, enfatizava-se a exploração da natureza e, atualmente, enfatiza-se a sustentabilidade.
- b) Descartes já criticava o desenvolvimento industrial da Inglaterra naquele período, como também o fazem os ecologistas de hoje.
- c) o filósofo defendia uma atitude solidária do ser humano para com o meio ambiente, visando a sua preservação.
- d) o ponto de vista cartesiano contrariava o pensamento antropocêntrico desenvolvido na Idade Moderna.
- e) na Idade Média, época de Descartes, predominavam as explicações religiosas, hoje abandonadas.

2. (Upe) As ideias liberais refizeram reflexões e anunciaram novas perspectivas sociais. Um dos seus pensadores mais famosos, Locke, defendia o(a)

- a) fim da propriedade privada e da escravidão, com a queda da sociedade colonial e o fim do mercantilismo.
- b) consolidação da monarquia constitucional, destacando a universalidade do conhecimento e as possibilidades de massificação da cultura.
- c) pensamento de Descartes e o fim do idealismo, ressaltando o valor de democracia e da igualdade social na Europa do século XVII.
- d) liberdade natural dos humanos, afirmando a necessidade da propriedade privada e combatendo o absolutismo.
- e) crescimento do capitalismo, sem afetar a força política da nobreza e dos poderes dos monarcas absolutistas da época.

3. (Pucrs) Responder à questão com base nas afirmativas sobre o Iluminismo, uma revolução intelectual que se efetivou na Europa, no século XVIII.

I. As ideias iluministas surgiram como resposta a problemas concretos enfrentados pela burguesia, como, por exemplo, a intervenção do Estado na economia, que impunha limites à expansão dos negócios empreendidos por essa camada social.

II. As bases do pensamento iluminista - o racionalismo, o liberalismo e o desenvolvimento do pensamento científico - foram estabelecidas a partir das ideias de pensadores do século XVII, como René Descartes, John Locke e Isaac Newton.

III. Os iluministas, em suas obras, criticavam os resquícios feudais, como a servidão, assim como o regime absolutista e o mercantilismo, que limitavam o direito à propriedade.

IV. A filosofia iluminista incentivava a influência da Igreja Católica sobre a sociedade, principalmente no âmbito da educação e da cultura, o que resultou no aumento do poder político da Igreja, pela emergência da teoria do direito divino.

Estão corretas apenas

- a) I e II.
- b) I e IV.
- c) III e IV.
- d) I, II e III.
- e) II, III e IV.

4. (Ufpe) A revolução intelectual do século XVII teve como um de seus mentores René Descartes. Sobre as concepções cartesianas de Descartes, é correto afirmar:

- 1) o método cartesiano foi o instrumento matemático da dedução pura: consistia em partir de verdades simples, como na geometria, e chegar às conclusões particulares;
- 2) o novo racionalismo e o mecanicismo propostos em suas doutrinas repudiavam as orientações teológicas do passado;
- 3) afirmando ser a metafísica a prova racional da existência de Deus, rejeitou a revelação como fonte da verdade; a razão passou a ser considerada como um único manancial de conhecimento;
- 4) o mundo físico para Descartes é um só. Do seu plano mecanicista geral não excluía nem mesmo o organismo dos animais e dos homens;
- 5) "Penso, logo existo" é um axioma encontrado por Descartes para expressar o seu método matemático da dedução pura.

Estão corretas:

- a) 1 e 2 apenas
- b) 2 e 3 apenas
- c) 4 e 5 apenas
- d) 1 e 5 apenas
- e) 1, 2, 3, 4 e 5

5. (Ufsm)

*"A Ciência, A Natureza e O Homem.
Descartes, Einstein,
Ecologia, Política, Física Quântica
E os Novos Paradigmas...
Onde Tudo Isto Se Encaixa?"*



Fotografia da capa do filme "Ponto de Mutação".

O enredo do filme "Ponto de Mutação", de Bernt Capra, começa quando um político liberal, democrata, em crise, telefona para um amigo escritor e recebe o convite para passar uns dias no Monte Saint Michel, a fim de relaxar e conversar sobre a vida.

Nesse sentido, o filme se insere numa discussão bastante atual, ou seja,

- a) crítica aos valores consumistas, onde o ter vale mais que o ser, ao estilo socialista de vida.
- b) apologia ao neoliberalismo, posto que os políticos liberais apenas mudam os discursos, mas continuam presos à tradição política de governar.
- c) revisão dos valores neoliberais, já que retoma o projeto Guerra nas Estrelas, de Reagan, para repensar a internacionalização do capital.
- d) crise da modernidade, onde o novo está surgindo, ainda inseguro, e o velho está morrendo, ainda poderoso, o que se expressa na globalização.
- e) reflexão sobre uma nova fase da Guerra Fria, ainda viva no mundo atual, reforçada pelas disputas econômicas e tecnológicas das duas superpotências: EUA e Japão.

6. (Ufpe) Um dos filósofos iluministas que exerceram uma enorme influência entre as camadas populares na França, como também nos movimentos mais radicais durante a Revolução Francesa, foi:

- a) René Descartes, que escreveu o livro clássico *O Discurso do Método*, em que apontava a forma como o povo deveria se comportar face às elites dirigentes num momento revolucionário.
- b) John Locke, por ter sido um dos inspiradores do empirismo, e defensor que todos quando nascemos somos como uma tábula rasa e as influências da sociedade é que nos molda.
- c) Erasmo de Rotterdam, que escreveu uma obra clássica denominada "O Elogio da Loucura", na qual satiriza os costumes da época, o que veio a influenciar enormemente as revoluções burguesas do século XIX.
- d) Jean-Jacques Rousseau, que de certa forma tornou-se uma exceção entre os iluministas, pela crítica à burguesia e à propriedade privada, escrevendo livros clássicos como "Contrato Social" e "Discurso sobre a origem da Desigualdade".
- e) Thomas Morus, que escreveu a *Utopia*, uma obra em que retrata a vida em uma ilha imaginária, cujos habitantes consideram estupidez não procurar o prazer por todos os meios possíveis.

7. (Enem) É o caráter radical do que se procura que exige a radicalização do próprio processo de busca. Se todo o espaço for ocupado pela dúvida, qualquer certeza que aparecer a partir daí terá sido de alguma forma gerada pela própria dúvida, e não será seguramente nenhuma daquelas que foram anteriormente varridas por essa mesma dúvida.

SILVA, F. L. Descartes: a metafísica da modernidade. São Paulo: Moderna, 2001 (adaptado).

Apesar de questionar os conceitos da tradição, a dúvida radical da filosofia cartesiana tem caráter positivo por contribuir para o(a)

- a) dissolução do saber científico.
- b) recuperação dos antigos juízos.
- c) exaltação do pensamento clássico.
- d) surgimento do conhecimento inabalável.
- e) fortalecimento dos preconceitos religiosos.

8. (Enem) Os produtos e seu consumo constituem a meta declarada do empreendimento tecnológico. Essa meta foi proposta pela primeira vez no início da Modernidade, como expectativa de que o homem poderia dominar a natureza. No entanto, essa expectativa, convertida em programa anunciado por pensadores como Descartes e Bacon e impulsionado pelo Iluminismo, não surgiu "de um prazer de poder", "de um mero imperialismo humano", mas da aspiração de libertar o homem e de enriquecer sua vida, física e culturalmente.

CUPANI, A. A tecnologia como problema filosófico: três enfoques, Scientiae Studia. São Paulo, v. 2, n. 4, 2004 (adaptado).

Autores da filosofia moderna, notadamente Descartes e Bacon, e o projeto iluminista concebem a ciência como uma forma de saber que almeja libertar o homem das intempéries da natureza. Nesse contexto, a investigação científica consiste em

- a) expor a essência da verdade e resolver definitivamente as disputas teóricas ainda existentes.
- b) oferecer a última palavra acerca das coisas que existem e ocupar o lugar que outrora foi da filosofia.
- c) ser a expressão da razão e servir de modelo para outras áreas do saber que almejam o progresso.
- d) explicitar as leis gerais que permitem interpretar a natureza e eliminar os discursos éticos e religiosos.
- e) explicar a dinâmica presente entre os fenômenos naturais e impor limites aos debates acadêmicos.

9. (Enem)

TEXTO I

Há já de algum tempo eu me apercebi de que, desde meus primeiros anos, recebera muitas falsas opiniões como verdadeiras, e de que aquilo que depois eu fundei em princípios tão mal assegurados não podia ser senão mui duvidoso e incerto. Era necessário tentar seriamente, uma vez em minha vida, desfazer-me de todas as opiniões a que até então dera crédito, e começar tudo novamente a fim de estabelecer um saber firme e inabalável.

DESCARTES, R. *Meditações concernentes à Primeira Filosofia*. São Paulo: Abril Cultural, 1973 (adaptado).

TEXTO II

É de caráter radical do que se procura que exige a radicalização do próprio processo de busca. Se todo o espaço for ocupado pela dúvida, qualquer certeza que aparecer a partir daí terá sido de alguma forma gerada pela própria dúvida, e não será seguramente nenhuma daquelas que foram anteriormente varridas por essa mesma dúvida.

SILVA, F. L. *Descartes: a metafísica da modernidade*. São Paulo: Moderna, 2001 (adaptado).

A exposição e a análise do projeto cartesiano indicam que, para viabilizar a reconstrução radical do conhecimento, deve-se

- retomar o método da tradição para edificar a ciência com legitimidade.
- questionar de forma ampla e profunda as antigas ideias e concepções.
- investigar os conteúdos da consciência dos homens menos esclarecidos.
- buscar uma via para eliminar da memória saberes antigos e ultrapassados.
- encontrar ideias e pensamentos evidentes que dispensam ser questionados.

10. (Unioeste) *“... esta palavra, Filosofia, significa o estudo da sabedoria, e por sabedoria não se deve entender apenas a prudência nos negócios, mas um conhecimento perfeito de todas as coisas que o homem pode saber, tanto para a conduta da sua vida como para a conservação da saúde e invenção de todas as artes. E para que este conhecimento assim possa ser, é necessário deduzi-lo das primeiras causas, de tal modo que, para se conseguir obtê-lo – e a isto se chama filosofar –, há que começar pela investigação dessas primeiras causas, ou seja, dos princípios. Estes devem obedecer a duas condições: uma, é que sejam tão claros e evidentes que o espírito humano não possa duvidar da sua verdade, desde que se aplique a considerá-los com atenção; a outra, é que o conhecimento das outras coisas dependa deles, de maneira que possam ser conhecidos sem elas, mas não o inverso. Depois disto, é indispensável que, a partir desses princípios, se possa deduzir o conhecimento das coisas que dependem deles, de tal modo que, no encadeamento das deduções realizadas, não haja nada que não seja perfeitamente conhecido.”*

Descartes.

“À medida que Descartes vai desenvolvendo sua ideia de um sistema reconstruído de conhecimento, vemos surgir dois componentes específicos da visão cartesiana. O primeiro é um individualismo radical: a ciência tradicional, ‘composta e acumulada a partir das opiniões de inúmeras e variadas pessoas, jamais logra acercar-se tanto da verdade quanto os raciocínios simples de um indivíduo de bom senso’. O segundo componente é uma ênfase na unidade e no sistema: ‘Todas as coisas que se incluem no alcance do conhecimento humano são interligadas’”.

Cottingham.

Considerando os textos acima, que tratam da teoria cartesiana do conhecimento, é INCORRETO afirmar que

- a teoria cartesiana do conhecimento implica um sistema em que todos os conteúdos encontram-se intimamente relacionados.
- a teoria do conhecimento cartesiana pretende, a partir da elaboração de um método preciso, reconstruir o conhecimento em bases sólidas.
- a teoria do conhecimento cartesiana, que tem como objetivo a elaboração de uma ciência universal, serve-se, em certa medida, do modelo indutivista para alcançar seu objetivo.
- o conhecimento que se tem de cada coisa deriva de um processo no qual cada etapa pode ser conhecida sem o concurso de etapas posteriores, mas não o inverso.
- quando determinada noção se apresenta com clareza e com distinção, o sujeito pensante entende que se encontra frente a um conhecimento verdadeiro pela própria natureza da concepção cartesiana do conhecimento.

11. (Unesp) Leia: *A modernidade não pertence a cultura nenhuma, mas surge sempre CONTRA uma cultura particular, como uma fenda, uma fissura no tecido desta. Assim, na Europa, a modernidade não surge como um desenvolvimento da cultura cristã, mas como uma crítica a esta, feita por indivíduos como Copérnico, Montaigne, Bruno, Descartes, indivíduos que, na medida em que a criticavam, já dela se separavam, já dela se desenraizavam. A crítica faz parte da razão que, não pertencendo a cultura particular nenhuma, está em princípio disponível a todos os seres humanos e culturas. Entendida desse modo, a modernidade não consiste numa etapa da história da Europa ou do mundo, mas numa postura crítica ante a cultura, postura que é capaz de surgir em diferentes momentos e regiões do mundo, como na Atenas de Péricles, na Índia do imperador Ashoka ou no Brasil de hoje.*

(Antonio Cícero. Resenha sobre o livro "O Roubo da História". Folha de S.Paulo, 01.11.2008. Adaptado.)

Com a leitura do texto, a modernidade pode ser entendida como

- a) uma tendência filosófica especificamente europeia e ocidental de crítica cultural e religiosa.
- b) uma tendência oposta a diversas formas de desenvolvimento da autonomia individual.
- c) um conjunto de princípios morais absolutos, dotados de fundamentação teológica e cristã.
- d) um movimento amplo de propagação da crítica racional a diversas formas de preconceito.
- e) um movimento filosófico desconectado dos princípios racionais do iluminismo europeu.

12. (Ufsj) Ao analisar o *cogito ergo sum* – penso, logo existo, de René Descartes, conclui-se que

- a) o pensamento é algo mais certo que a própria matéria corporal.
- b) a subjetividade científica só pode ser pensada a partir da aceitação de uma relação empírica fundada em valores concretos.
- c) o *eu* cartesiano é uma ideia emblemática e representativa da ética que insurgia já no século XVI.
- d) Descartes consegue infirmar todos os sistemas científicos e filosóficos ao lançar a dúvida sistemático-indutiva respaldada pelas ideias iluministas e métodos incipientes da revolução científica.

13. (Enem 2012)

TEXTO I

Experimentei algumas vezes que os sentidos eram enganosos, e é de prudência nunca se fiar inteiramente em quem já nos enganou uma vez.

DESCARTES, R. *Meditações Metafísicas*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

TEXTO II

Sempre que alimentarmos alguma suspeita de que uma ideia esteja sendo empregada sem nenhum significado, precisaremos apenas indagar: de que impressão deriva esta suposta ideia? E se for impossível atribuir-lhe qualquer impressão sensorial, isso servirá para confirmar nossa suspeita.

HUME, D. *Uma investigação sobre o entendimento*. São Paulo: Unesp, 2004 (adaptado).

Nos textos, ambos os autores se posicionam sobre a natureza do conhecimento humano. A comparação dos excertos permite assumir que Descartes e Hume

- a) defendem os sentidos como critério originário para considerar um conhecimento legítimo.
- b) entendem que é desnecessário suspeitar do significado de uma ideia na reflexão filosófica e crítica.
- c) são legítimos representantes do criticismo quanto à gênese do conhecimento.
- d) concordam que conhecimento humano é impossível em relação às ideias e aos sentidos.
- e) atribuem diferentes lugares ao papel dos sentidos no processo de obtenção do conhecimento.

14. (Uff) O filósofo francês René Descartes escreveu o seguinte em seu *Discurso do Método*:

“Logo que adquiri algumas noções gerais relativas à Física, julguei que não podia mantê-las ocultas, sem pecar grandemente contra a lei que nos obriga a procurar o bem geral de todos os homens. Pois elas me fizeram ver que é possível chegar a conhecimentos que sejam úteis à vida e assim nos tornar como que senhores e possuidores da natureza. O que é de desejar, não só para a invenção de uma infinidade de utensílios, que permitiriam gozar, sem qualquer custo, os frutos da terra e de todas as comodidades que nela se acham, mas principalmente também para a conservação da saúde, que é sem dúvida o primeiro bem e o fundamento de todos os outros bens desta vida.”

Assinale a alternativa que resume o pensamento de Descartes.

- a) O conhecimento deve ser mantido oculto para evitar que seja empregado para dominar a natureza.
- b) O conhecimento da natureza satisfaz apenas ao intelecto e não é capaz de alterar as condições da vida humana.
- c) Nosso intelecto é incapaz de conhecer a natureza.
- d) Devemos buscar o conhecimento exclusivamente pelo prazer de conhecer.
- e) O conhecimento e o domínio da natureza devem ser empregados para satisfazer as necessidades humanas e aperfeiçoar nossa existência.

15. (Unicentro) Para o racionalismo, a razão é a verdadeira fonte do conhecimento. De acordo com essa afirmativa, os filósofos que podem ser considerados racionalistas são

- a) Locke, Plotino e Hume.
- b) Kant, Aristóteles e Nietzsche.
- c) Platão, Descartes e Karl Marx.
- d) Descartes, Malebranche e Hume.
- e) Platão, Santo Agostinho e Descartes.

Gabarito

1.A	2.D	3.D	4.E	5.D	6.D	7.D	8.C	9.B	10.C
11.D	12.A	13.E	14.E	15.E					